



GT 010. Antropologia da Economia

Arlei Sander Damo (UFRGS) - Coordenador/a
 Eugênia de Souza Mello Guimarães Motta
 Instituto de Estudos Sociais e Políticos) -
 Coordenador/a, Gustavo Gomes Onto (UFRJ) -
 Debatedor/a, Lúcia Helena Alves Müller (Pontifícia
 Universidade Católica do Rio Grande dos Sul) -
 Debatedor/a

Desde o nascimento da nossa disciplina os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, as formas de valoração e de provimento das condições materiais de continuidade da vida foram objeto de descrição e interpretação a partir dos modos de vida dos outros. As teorias econômicas já tinham grande importância nas sociedades a partir das quais surgiu a antropologia e, nas últimas décadas, se tornaram uma verdadeira linguagem global. A importância dos especialistas, sejam acadêmicos ou gestores governamentais, nunca foi tão grande, tendo esses um papel preeminente no desenho de políticas de larga escala. Economia, portanto, concerne a uma multiplicidade de objetos, temas e possibilidades de abordagem que implicam, sempre, o questionamento sobre a própria definição sobre o que seja a economia ou que caracterize algo prática, teoria ou econômico. A Antropologia da Economia vem ganhando novo fôlego, com a organização de diversos eventos e publicações acadêmicas voltados a essa área de estudos. O objetivo do GT é propiciar um espaço dedicado a colocar em diálogo trabalhos que possibilitem explorar a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite e provoca e as ambiguidades e misturas que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico, como a relação com as práticas familiares, a intimidade, a religião, o consumo, a dívida, a política, as moralidades e assim por diante.

Quando vale a/o artista?: Corpos de atrizes e atores e a relação com o mercado

Autoria: Bernardo Fonseca Machado

Vocês são a mercadoria? asseverou o professor para um grupo de jovens atrizes e atores: se vocês não tem boas roupas e fotos decentes, como eu posso trabalhar?. O teatro, como arte, depende do corpo humano como material fundamental para a cena. Sem sua materialidade, o evento cênico não se realiza. No recrutamento de artistas para personagens de determinadas peças, um vocabulário econômico costuma informar as práticas de seleção e constituir a própria noção de pessoa. Entre 2015 e 2016, realizei pesquisa de campo em duas escolas de teatro - uma em São Paulo e outra em Nova York. Práticas diárias de canto, interpretação e dança ocupavam a agenda de aspirantes intérpretes. Em paralelo, e com equivalente relevância, aprendiam técnicas para se vender. O programa curricular previa a capacitação para os testes de elenco. Na disciplina denominada "audição", ensinava-se a importância de dominar a etiqueta de work. Era urgente tomar ciência a respeito da posição que poderia ser ocupada no "mercado" - qual "tipo" de personagens o corpo permitiria executar (protagonista, vilão, cômico e afins). Em Nova York, um dos professores salientou: Não basta ser o melhor cantor e dançarino do mundo. Se você não for profissional, isso me faz questionar você. Você não estará se vendendo. E você tem que se vender: o melhor tipo [para o papel desejado], seu alcance vocal, como você se relaciona com a personagem?. Simultaneamente, nas aulas de interpretação, alunas e alunos aprendiam a "extrair" suas emoções internas, "dominá-las", e, por fim, apresentá-las para a plateia. Cobrava-se das/os estudantes o gerenciamento de sentimentos: a exibição adequada de traços faciais e expressões corporais condizentes com o papel designado. Fazia parte de sua profissionalização serem capazes de se expressar com precisão e eficácia. Somente uma "emoção verdadeira" valeira o ingresso do público. A apresentação investigará a associação entre intérpretes e mercadoria. O que significava o reiterado emprego de um vocabulário econômico para tratar de artistas da



cena? O que está à venda nas transações que envolvem atrizes e atores? Esses corpos, treinados para produzir emoções, ganham valor sob quais contextos? Conforme defende Zelizer (2010), pessoas estão constantemente agregando valor econômico à vidas humanas e defendendo posições baseadas nesses valores. Nesse sentido, a discussão a respeito da mercantilização de atrizes e atores pode acrescentar novas considerações à discussão da relação entre mercados, afetos, pessoas e imaginários.



Realização:



Apoio:



Organização:

